



EXISTÊNCIAS NA INVISIBILIDADE DO VESTIR COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA.

Existences in the invisibility of dressing as a survival strategy.

Santos, Ana Carla Ferreira dos. Doutoranda em Filosofia. Universidade Federal Fluminense. f.ana.carla@gmail.com¹

Resumo: O trabalho dialoga na perspectiva da existência com alguns pensadores e apresenta através dos personagens negros: João Bananeira, do Carnaval de Congo de Máscaras de Cariacica – Espírito Santo e Parafuso, revivido com o grupo: Os Parafusos, de Lagarto – Sergipe, dois momentos perpassados pela escravidão, onde o vestir teve funcionalidade de estratégia de sobrevivência ao acionar o dispositivo da invisibilidade. Neste ensejo, extrai da cultura a perspectiva da memória que é mantida viva e ressignificada na atualidade.

Palavras-chave: Existência, Invisibilidade, Vestir.

Abstract: The work engages with several thinkers from the perspective of existence and presents, through Black characters: João Bananeira, from the Congo Carnival of Masks from Cariacica, Espírito Santo, and Parafuso, revived with the group Os Parafusos, from Lagarto, Sergipe, two periods marked by slavery, where clothing served as a survival strategy by activating the device of invisibility. In this context, it draws from culture the perspective of memory that is kept alive and reinterpreted today.

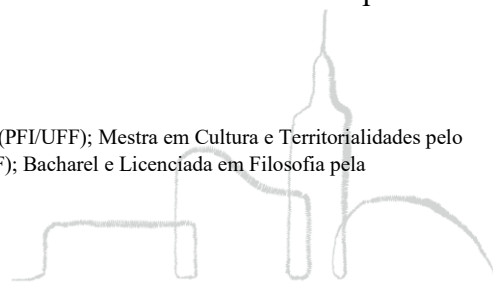
Keywords: Dressing, Existence, Invisibility.

Introdução

Destarte todo um histórico brasileiro de tentativas e efetivas situações que desencadearam silenciamento e apagamento das culturas dos povos originários e afrodescendentes, o lastro desse legado sempre esteve imbrincado na configuração do nosso país. Várias histórias se mantiveram vivas, foram reconstituídas ou ressignificadas e assim, memórias oriundas da oralidade cada vez mais estão vindo à tona e são descortinadas em nosso presente a partir de novas investigações que trazem outras narrativas.

Diversas podem ser as explicações para justificar esse afloramento de conhecimentos até então ocultos ou fora do foco dos estudos mais relevantes. A escolha que alicerça este trabalho é oriunda de vivência pessoal e

¹ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense (PFI/UFF); Mestra em Cultura e Territorialidades pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (PPCULT/UFF); Bacharel e Licenciada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

como pesquisadora através de uma ampliação de percepção que busca saberes de fontes que partem do cotidiano, de histórias mais restritas e pouco propagadas.

Além da conjugação com fontes acadêmicas ao acreditar que somos formados por conhecimentos que se encontram por toda parte. Assim, uma das principais contribuições dos conhecimentos que vêm da margem se dá no campo da construção de outras perspectivas de aprendizado. Uma vez que elas trazem outros matizes, conduzem a outros tons de análise ao ofertar elementos comumente ignorados.

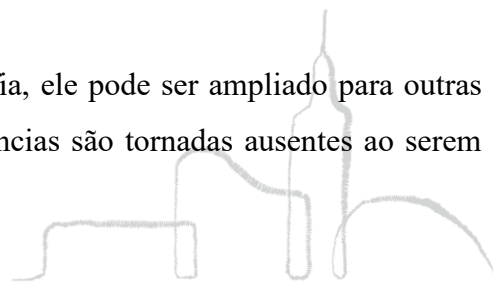
O objetivo do artigo é mostrar como a vestimenta pode ser usada como estratégia de possibilidade de existência. A metodologia adotada parte da observação, em pesquisa de campo, aliada à pesquisa bibliográfica de algumas festas brasileiras e manifestações culturais em diferentes regiões do Brasil, com enlaces que vem desde sua origem até a configuração em vigor nos dias atuais. As informações também perpassam relatos, entrevistas, análise de cânticos, vestimentas e filmografia relacionados com o tema. Tem por referencial teórico o pensamento dos autores Grada Kilomba, Dénètem Touam Bona, Lélia Gonzalez, no que tange dentro da temática abordada no texto.

Ressalta-se o Carnaval de Máscaras de Congo de Cariacica e a Manifestação Cultural apresentada pelo grupo : Os Parafusos são material integrante, dentre algumas festas afro-brasileiras que são objeto de estudo da tese de doutorado em desenvolvimento, pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense, sob o título “Corpos que territorializam espaço: entre o não se perder ao se encontrar o *flâneur* negro em diáspora perpassa a ancestralidade”, orientada pelo professor Dr. Fernando de Sá Moreira Zau.

O vestir como sentido da vestimenta

A filósofa Grada Kilomba no prefácio da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon nos traz uma reflexão sobre o Princípio da Ausência. A autora trata de seu encontro textual com a obra do pensador e nos mostra como a ausência de acesso à existência dos textos do filósofo interferiu em sua trajetória acadêmica. De acordo com as palavras de Kilomba (2020, p. 12): “As obras de Frantz Fanon existem, mas são ausentes, e por isso deixam de ter existência real”.

O ensinamento da pensadora não se restringe ao campo da filosofia, ele pode ser ampliado para outras searas. Kilomba (2020) nos alerta para a situação de que algumas existências são tornadas ausentes ao serem





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

deixadas de lado, apagadas, silenciadas e nos diz que isso ocorre principalmente nas esferas sociais e culturais. Neste sentido, faço um empréstimo no prisma do vestir como estratégia de sobrevivência para garantir a existência de poder Ser.

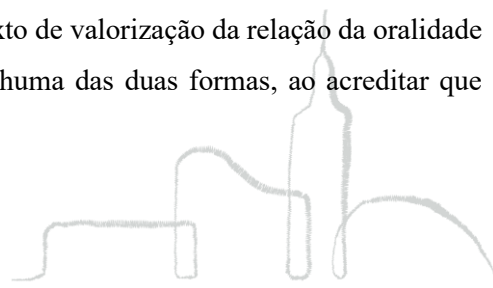
Dentre várias perspectivas do pensamento, podemos partir do vestir como ação que dá sentido a uma vestimenta para fazer reflexões. O que transcende o vestir como cobrir e proteger um corpo se sustenta na imagem que uma roupa apresenta, na simbologia que ela pode trazer e representar. Bem como através da comunicação que ela transmite a partir de sua aparência, materiais com que é confeccionada dentre outras camadas de significados que ela pode ter como a funcionalidade que será apresentada ao longo deste trabalho.

Neste ensejo, trago uma minúcia quanto ao vocábulo vestimenta para ajustar mais o teor do será discutido, bem como dar ênfase em um sentido mais expandido. Assim, vestimenta é um substantivo feminino, tem por significado associado a ele quaisquer objetos ou roupas que podem ser usados para cobrir o corpo, etimologicamente, a palavra é oriunda do latim - vestimenta.

O horizonte que ofereço, neste texto, conduz a uma reflexão sobre o vestir na vertente da moda num viés mais deslocado do mais usual. Este pensamento se insere no apresentado por Santaella (2023) em seu livro: A moda é um sintoma da cultura? Ao enxergarmos que são inúmeras as facetas da moda e associá-la, pensá-la junto com a cultura é apenas uma dessas facetas.

Segundo a autora (2023, p.39), “existir significa ocupar um tempo e um espaço datados, mas inseridos na continuidade passada e futura do tempo indefinido”. Assim, situo a moda na temporalidade e espacialidade que envolve a cultura dos personagens interlocutores deste trabalho. Como ao aliar a motivação do vestir e a configuração material da vestimenta de dois personagens presentes em manifestações culturais afro-brasileiras, a saber João Bananeira – do Carnaval de Congo de Máscaras de Cariacica – Espírito Santo e Parafuso – revivido pelo grupo Os Parafusos, em Lagarto – Sergipe.

Através deles serão apresentados aspectos que relacionam o ir e vir de pessoas negras e sua liberdade em função de sua existência em situações e regionalidades distintas na vigência da escravidão no Brasil. Para dar prosseguimento, preciso demarcar que este trabalho se encontra calcado no contexto de valorização da relação da oralidade aliado a historicidade presente na educação formal, sem desmerecimento a nenhuma das duas formas, ao acreditar que ambas são fontes legítimas de transmissão de conhecimento.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O almejado é reconhecer diversidade de perspectivas e sujeitos da narrativa, na coexistência de valores e evitar o perigo de história única, como nos ensina ADICHIE (2019, p.26): “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.” Com esse fim, sigamos!

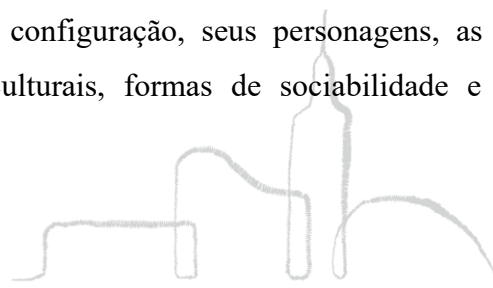
O vestuário dos personagens nos permite questionar ideias de superficialidade e falseamento atribuídas ao que pode ser visto como comum, destacando estratégias temporais a partir da observação como solução de problemas. Além de seus significados culturais e complexidade conjugada com a época e a disponibilidade de materiais. Onde a etnicidade impele saídas perspicazes de origem privada que se transforma em coletiva, com dinamismo cultural e criatividade e que na contemporaneidade mantém a memória de sua existência viva de forma ressignificada em festas e apresentações.

Temos, então, elementos para pensar a diversidade de relações que atravessam os objetos, que são engendradas por eles, com questionamento da superficialidade e futilidade usualmente atribuídas ao que é caracterizado como insignificante pelas sociedades dominantes. Assim, nestas festas, temos personagens que através de suas vestes trazem em seus corpos a manutenção de memórias de momentos históricos do Brasil envoltos em cenários de silenciamento e apagamento.

Em decorrência, podemos pensar roupas em seu uso, como códigos e instrumentos de alguma mensagem: seja ela explícita, implícita, sem propósito ou intencional. Além de entender que uma peça pode afetar a vida de quem a veste, como a de outros corpos pelo que ela pode transmitir ou ser associada. Vários momentos da História do Brasil perpassaram a vida de pessoas negras em seu direito de ir e vir. Em alguns deles, a vestimenta foi utilizada como estratégia de existência. Em certas situações a invisibilidade tinha que ser total, para sobrevivência, em outras, a diversão só foi garantida a partir da camuflagem dos corpos, por exemplo.

João Bananeira e Os Parafusos: existências que circulam na invisibilidade através da indumentária.

A cultura de um povo é importante para refutar seus acontecimentos históricos, sua época e os motivos dos acontecimentos. Assim, ao estudar a dinâmica de uma festa, sua configuração, seus personagens, as apresentações em si, temos importantes marcadores de identidades culturais, formas de sociabilidade e dispositivos que mantêm memórias de momentos passados no presente.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O conhecimento é crucial em qualquer estágio da vida humana e ele perpassa todas as esferas. Seja no horizonte da educação, da saúde, da cultura, enfim, onde a vida em algum momento se manifestou livremente, construiu narrativas e apresentou sujeitos, mesmo quando eles não eram ouvidos. O acesso a informações, as análises do contexto, a compreensão dos fatos conduz ao entendimento de que o vestir também é escrever o corpo com memória.

O recorte apresentado, neste trabalho, em sua temporalidade, perpassa a colonialidade brasileira, na esfera da racialidade, no período da escravidão. Donde se traz dois momentos distintos no tempo e em seu conteúdo através do contraponto da invisibilidade. O ponto de partida de análise será dado através de dois personagens envoltos historicamente no imaginário social e perpetuados na cultura.

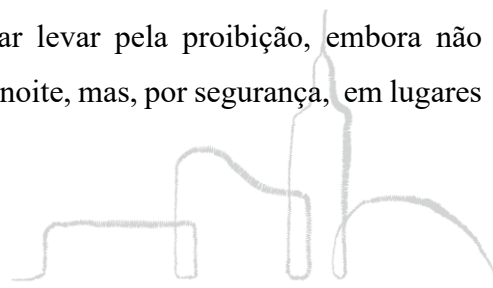
São eles: o personagem João Bananeira, presente no Carnaval do Congo de Máscaras, em Cariacica no Espírito Santo e no personagem Parafuso, revivido pelo Grupo Os Parafusos, de Lagarto – Sergipe. Em ambos os casos representados pelos personagens, o vestir garantiu possibilidade de existência em contraste com sua ausência como um ser com humanidade.

João Bananeira, também conhecido como João do Congo é um personagem presente no Carnaval de Congo de Máscaras de Cariacica no Espírito Santo, na atualidade. Sua origem remonta o período da Escravidão, onde uma das versões comumente reiterada aponta para a situação em que os escravizados não podiam participar das festividades em homenagem à Nossa Senhora da Penha, padroeira do Espírito Santo por serem negros.

A devoção que muitos deles tinham com a santa não tinha valor perante a sociedade que os discriminava e impedia sua participação nos festejos. A pensadora Lélia Gonzalez (2024) quanto às adaptações dos escravizados no Brasil que:

Em seu processo de duplo ajustamento à sociedade brasileira, os escravos forjaram uma nova identidade que, de um lado, adaptava-se taticamente às exigências de obediência e fidelidade ao modelo dominante e, de outro, integrava-se de fato às formas de vidas e de pensamento que iam sendo elaboradas por sua própria comunidade. (GONZALEZ, 2024, p.99).

Contudo, as homenagens eram feitas pelos negros, sem se deixar levar pela proibição, embora não tivessem qualquer aval. Seus festejos ocorriam escondidos, atravessavam à noite, mas, por segurança, em lugares





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

afastados para não serem incomodados e poderem ter liberdade para comemorar. Em geral, tal feito se dava na região do Quilombo Roda D'água, área de plantio, principalmente, de bananeiras.

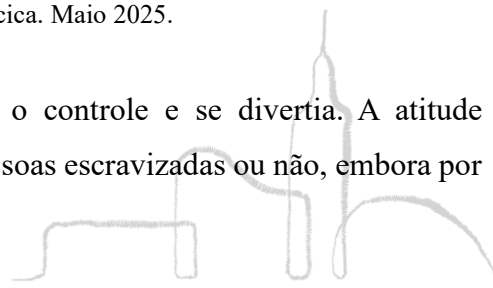
Onde em algum momento, numa das versões conhecidas, diz-se que um dos escravizados fez uma máscara, usou uma veste que escondia seus corpo e não permitia identificação, com destaque a uma saia feita de folhas de bananeira e foi participar dos festejos à Nossa Senhora da Penha de forma incógnita.

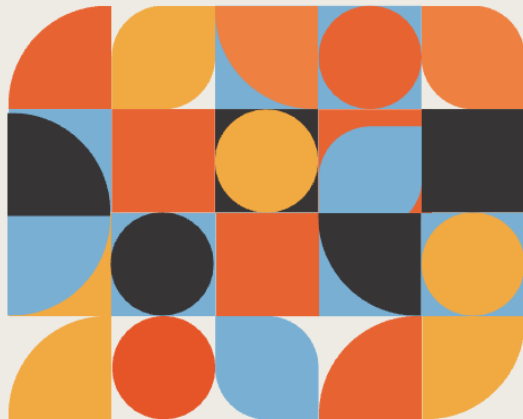
Figura 1 – João Bananeira



Fonte: Rede Social Instagram @joaobananeiracariacica. Maio 2025.

Sem ter a identidade revelada, o personagem conseguia burlar o controle e se divertia. A atitude inicialmente como novidade foi seguida, ao longo do tempo, por outras pessoas escravizadas ou não, embora por





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

motivos distintos. Uma vez que a invisibilidade da veste servia para os negros como uma estratégia para participar da festa do que simplesmente ocultar a identidade para se divertir.

Na atualidade, o personagem que antes tinha sua existência a partir da invisibilidade fez a sua invisibilidade torná-lo visível e junto com ele sua identidade e história. João Bananeira é um personagem que atravessa o tempo e mantém viva a força da história e da tradição, numa história de mais de 150 anos e suas máscaras são infinitas ao abraçarem o tempo e atrair novos adeptos a partir do imaginário que ela cria.

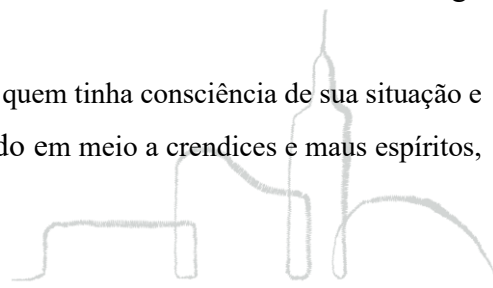
No Carnaval do Congo de Máscaras de Cariacica acontecido em 28 de abril de 2025, tive oportunidade de presenciar e conversar com pessoas vestidas de João Bananeira e algumas me falavam do sonho que alimentaram por anos de vestir o personagem; de se vestir com o personagem há nos; pelo gosto cultivado na infância. Conversei com algumas mães acompanhadas de seus filhos. Uma delas me disse que só foi à festa porque o filho queria ver o personagem do João Bananeira.

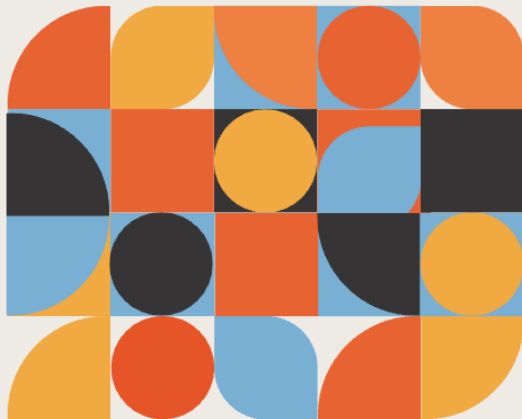
O personagem se tornou Patrimônio Imaterial do município de Cariacica, no ano de 2020; dá nome a uma Lei local de Incentivo à Cultura e nomeia o Projeto João Bananeira nas Escolas, onde o Sr. Alfredo Evangelista dos Santos Filho, o Alfredo Godô (@joaobananeiracariacica) percorre várias escolas e eventos contando a história do personagem João Bananeira no viés da Lei 10639/2003.

O personagem João Bananeira chegará a um público maior, através da Escola de Samba Independente de Boa Vista, campeã do Carnaval de Vitória do ano de 2025, que terá como enredo para o Carnaval de 2026, “João Bananeira: a voz que dança nas folhas da resistência”, homenageando o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água em Cariacica e dará uma aula de cultura e ajudará na divulgação de parte desta História do Brasil.

O segundo personagem que apresento é oriundo do nordeste do Brasil, do município de Lagarto – Sergipe, ele remonta ao tempo da Escravidão, onde os negros se utilizavam de uma veste para efetivar uma fuga. A estratégia que os negros escravizados adotaram para fugir da escravidão consistia em se vestir com as anáguas das sinhás da época. Envolveria furtar no varal as anáguas e que no momento da fuga eram usadas várias sobrepostas. O momento da fuga se dava em noite de lua cheia, os escravizados se valiam também de tabatinga (argila branca) que passavam no rosto para esconder a identidade.

Com esta configuração a fuga se tornava estratégia de sobrevivência para quem tinha consciência de sua situação e não se deixava capturar. Por outro lado, o feito pelos escravizados foi permeado em meio a credices e maus espíritos,





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

pois quem avistava por acaso esse momento associava os rodopios com fantasmas, com algo da esfera do sobrenatural e fugia. Com o tempo a história repercutia e as pessoas em noite de lua cheia evitavam sair o que facilitava a fuga dos escravizados.

A ambientação do escape, para a liberdade do ir e vir, se dava perto dos canaviais dos engenhos de açúcar, onde fugiam até os quilombos. A prática era comum e eles voltavam para resgatar outros escravizados em outras fugas ou para buscar mantimentos. Neste ponto, faço uma aproximação a partir da fuga entre os dois personagens, João Bananeira e Parafuso. Suas histórias se conectam quando o direito de ir e vir está em jogo, seja no caso dos Parafusos para viver em outro ambiente ou no caso de João Bananeira para de alguma forma se inserir onde era excluído e apresento o pensamento de dois autores.

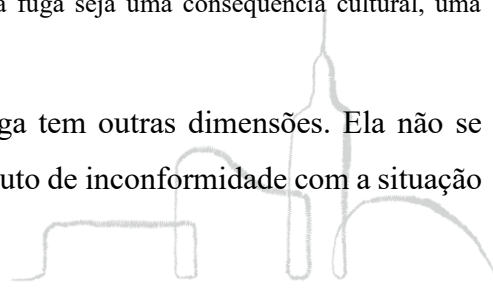
Trago o filósofo Dénètem Touam Bona que discute sobre a noção de fuga mais comum em contraponto com a fuga do escravizado, donde retiro o tom que apresento neste trabalho no sentido apontado pelo autor “A fuga é fuga criativa.”:

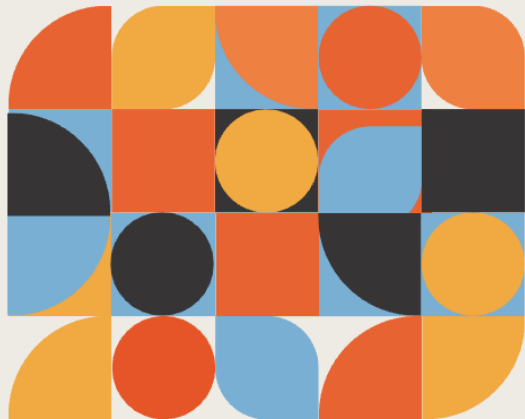
A noção de “fuga” conduz essencialmente a duas coisas: 1) à ideia de covardia, de uma recusa de ação; 2) à ideia de uma simples reação, de um instinto “animal” de sobrevivência em vistas de um perigo iminente ou de uma violência sofrida. Em ambos os casos, a fuga sempre aparece como sendo um fenômeno passivo e secundário. Fugir não é ser posto a correr, mas, ao contrário, é fazer vazar o real e operar as variações sem fim para frear toda captura. A fuga é fuga criativa. Só tendo sentido na própria carne a limitação dos movimentos, o acorrentamento, o cativeiro, a segregação, as privações e as múltiplas humilhações é que se pode experimentar uma inextinguível sede de liberdade: o fôlego rouco do “neg mawon”! (TOUAM BONA, 2021, p. 3-4).

Dénètem (2021) nos traz a fuga, que pode ser pensada como a autora Beatriz Nascimento nos ensinou tanto para ir para outro lugar no fugir do que não se aceita e criar um novo mundo, como para permanecer no lugar, mas de outro jeito ao buscar uma plenitude. No documentário Orí (1989), enquanto fala do quilombo, Beatriz nos traz em relação à fuga que:

(...) é um estar só, o estar em fuga, um estar empreendendo um novo limite para sua terra, para seu povo e para você. O quilombo surge do fato histórico que é a fuga. É o ato primeiro de um homem que não reconhece que é propriedade de outro, daí a importância da migração, a importância da busca do território. Na medida em que recentemente, para os africanos no Brasil, seus antepassados viviam em constante migração dentre do território dos bantos na África, talvez a fuga seja uma consequência cultural, uma consequência ancestral. (ORÍ, 1989).

O pensamento dos autores nos ajuda a refletir que a roupa da fuga tem outras dimensões. Ela não se baseava na ocultação da identidade por algo que já estava pronto, mas era fruto de inconformidade com a situação





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

em que viviam, ousadia, muita criatividade, observação do território, do tempo, do material que era abundante no ambiente.

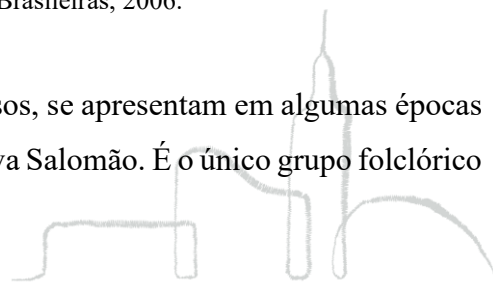
Donde vemos, várias características que demonstram a complexidade do pensamento para agir com segurança e ter chance de êxito em nome da liberdade. Numa diretriz em que o ser se entende como gestor e muito maior do que os obstáculos a serem enfrentados. Onde tanto a aproximação quanto o afastamento do algo se dão como uma oportunidade de fugir da vida imposta pelo outro.

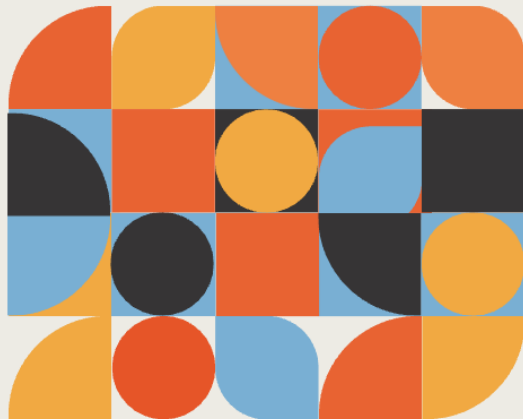
Figura 2: Dança dos Parafusos. Lagarto, SE.



Fonte: Coleção Imagens do Brasil. Festas Populares Brasileiras, 2006.

Ainda em vigor na atualidade, existe o Grupo folclórico: Os Parafusos, se apresentam em algumas épocas do ano. Sua fundação data de 07 de setembro de 1897, pelo padre José Saraiva Salomão. É o único grupo folclórico





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

centenário do Brasil. O grupo remonta em suas apresentações ao período colonial, quando escravizados sonhavam com a liberdade nos quilombos, para escapar do sofrimento.

Trata-se de uma tradição única no país, com uma forma singular de apresentação, onde rodopios como parafusos ganham visualidade através do giro de suas vestes feitas com tecidos brancos que em sua origem eram utilizados com as anáguas das sinhás da época do cativo. Mesmo após a Abolição da Escravatura, era comum que os negros fossem para a porta das igrejas pedir e denunciar sua situação vestidos dessa forma.

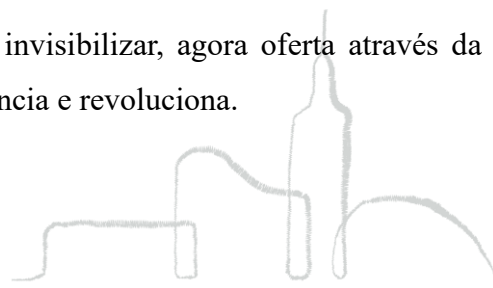
De acordo com Santos (2023) em seu trabalho “Patrimônio, Resistência e Identidade: O Grupo Parafusos na cidade de Lagarto”, temos que: “Os Parafusos simbolizam toda uma ideia da resistência do negro escravizado e a personalização de uma luta constante por merecimento, a partir do fim da escravidão no Brasil e nas comemorações em várias cidades interioranas no fim do século XIX.” Estes são os vínculos da performance que o Grupo Os Parafusos (@asflag.parafusos) apresenta com o período da escravidão.

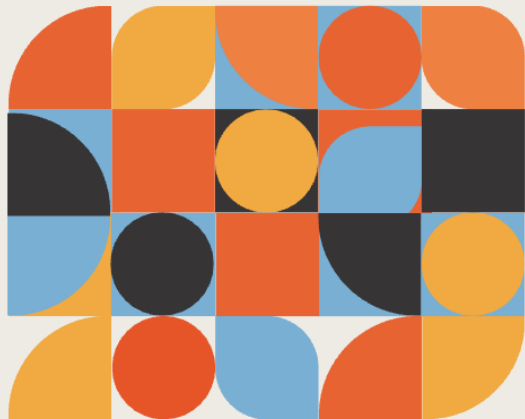
A dança que o grupo traz representa à fuga de escravizados das senzalas, sendo o ‘parafuso’ conhecido como dança da fuga, dança essa que teria sido criada pelos escravizados para comemorar a abolição. A movimentação se dá com dança e rodopios como parafusos, numa veste composta de cinco anáguas que não deixam os braços aparecer, eles rodeiam nos dois sentidos.

Considerações Finais

Ao analisar o vestir como estratégia de sobrevivência tivemos através dos personagens João Bananeira e Parafuso como a personificação de suas existências fazem o elo entre passado e presente que coexistem para apagar o que incomoda. Ambos inventaram formas de existência através do vestir, com seus corpos fora do padrão social vigente e através da criatividade ao criar estratégias de possibilidade de futuros que garantam sua existência de Ser.

O tempo nos mostra que eles, assim, zombaram dos limites excludentes impostos a sua existência e ao invés de se segregar, agregaram através da presença e na atualidade nos mostram suas histórias. Suas vestimentas foram ressignificadas e nessa virada de chave, a roupa que serviu para invisibilizar, agora oferta através da visibilidade a possibilidade de simbolizar a identidade que nasce da resistência e revoluciona.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

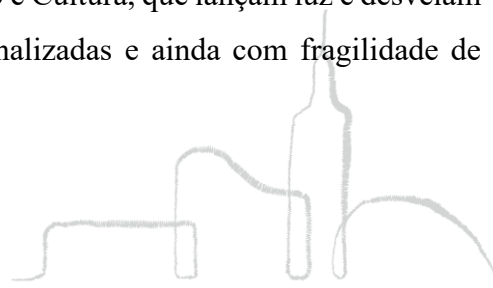
Eles se enquadram com suas vestimentas na questão de quando a roupa não é uma escolha, mas uma solução, uma saída por nascer da necessidade de sobrevivência, de poder existir. Ela é da ordem da funcionalidade que foge da estética e que precisa ser criativa para se envolver em outras dinâmicas e atender fim diverso do vestir. Onde a proteção do corpo vestido extrapola o físico e protege o Ser.

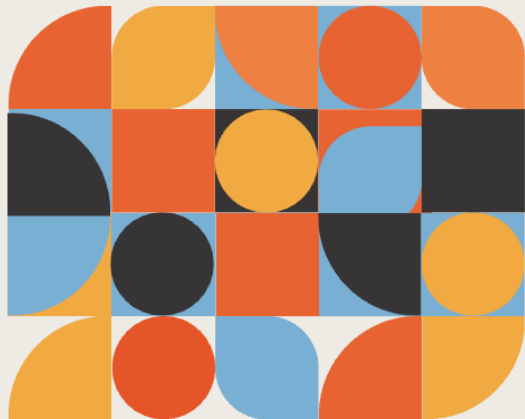
É uma roupa que vem da complexidade de quem mesmo sem liberdade, observa, dialoga com os hábitos, ao perceber a abundância das anáguas. Que brincam com imaginários ao ousar vestir roupas que constroem visualidades, ao utilizar cores que sinalizam função, como no caso dos parafusos. Com o território em que o corpo negro está inserido ao se valer dos materiais disponíveis do entorno em que ele vive, como a fatura das bananeiras, e usar suas folhas como fruto de observação, num ambiente que molda ações, como fez João Bananeira.

Temos assim, um ato de vestir que traz a marca de uma vida real invisibilizada. Os personagens mesclam utilidade com sobrevivência numa estética do invisível, onde eles vestiam a possibilidade de liberdade. Proveniente de força de resistência frente às estruturas opressivas da sociedade brasileira. Cada um de seu jeito questiona as normas, a ordem e cultura vigente, que frequentemente marginaliza e reprime identidades, corpos e modo de vida diversos.

São várias as possibilidades de transmissão dos fatos, oralidade, contos e histórias do (in)consciente coletivo que podem atravessar várias culturas. E estes não necessariamente foram trazidos de um lugar geográfico para outro, embora possam ter pontos em comum. O conhecimento dos personagens nos oferta elementos através de suas histórias para avançar na diminuição dos efeitos da colonialidade e da escravidão, a partir de um necessário processo de modificação do pensamento e das estruturas sociais, que envolva o reconhecimento da diversidade, da valorização das culturas e conhecimentos locais, da luta contra o racismo e a desigualdade social.

Onde conhecer possibilita ampliar o acesso à história africana, afro-brasileira e indígena donde se parte para reflexões de importância nacional e internacional na perspectiva das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Sendo assim, valorizando a socialização dos conhecimentos nas áreas da Educação e Cultura, que lançam luz e desvelam a complexidade de modos de viver de populações historicamente marginalizadas e ainda com fragilidade de inclusão.





Duas situações, duas regiões que trouxeram retratos do Brasil através da invisibilidade da presença no cenário de manifestações culturais. Existências garantidas na invisibilidade, existências que passam a ser percebidas ao se invisibilizarem. Enfim, na decorrência do modo em que esses personagens se relacionam com o presente percebeu-se na abordagem da pesquisa, extensões de sua influência na manutenção da memória perpetuados a partir da força do vestir. Dentre outras implicações sociais na perspectiva da limitação que se transformou em ação.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, Rita Morais de. **O vestuário como assunto: um ensaio**. In: ANDRADE, Rita Morais de; CABRAL, Alliny Maia; CALAÇA, Indyanelle Marçal Garcia Di (Orgs.). Dossiê: o vestuário como assunto: perspectivas de pesquisa a partir de artefatos e imagens (e-book). Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

BOIERAS, Gabriel. **Maravilhas do Brasil: festas populares**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

BONA, Dénètem Touam. **A arte da fuga: dos escravos fugitivos aos refugiados**. Belo Horizonte: Piseagrama, n. 15, 2021.

BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2003. Disponível em: [L10639 \(planalto.gov.br\)](https://planalto.gov.br). Acesso em: 06 ago. 2025.

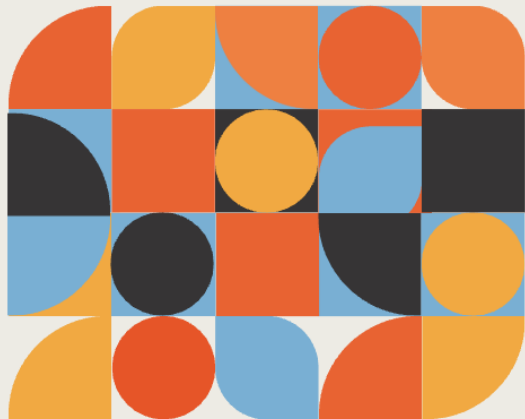
CALDAS, Sérgio Túlio. **Festas Populares Brasileiras**. Barueri, SP: Manole, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2024.

KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ORÍ. Direção: Raquel Gerber. Roteiro: Beatriz Nascimento. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais, Documentário P&B. (131 min). São Paulo, 1989. Disponível em: <https://youtu.be/g7WaWiOkLLg>. Acesso em: 20 ago. 2025

REIGOTA, Marcos. **A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens**. Revista Teias: Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.6, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24105>. Acesso em: 29 jun. 2025.



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

SANTAELLA, Lucia. **A moda é sintoma da cultura?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.

SANTOS, Sheila Milena Andrade dos. **PATRIMÔNIO, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: O Grupo Parafusos na cidade de Lagarto**, In: Dossiê Academia Lagartense de Letras. Revista ALL. Nº 13, V.1, p.61-88. (2023) .

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

